

DESDIZENDO A PERFORMANCE: MACUMBA E A PROLIFERAÇÃO DO INCERTO¹

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2023.203031

DOSSIÊ MUNDOS EM PERFORMANCE: NAPEDRA
20 ANOS

ORCID
<https://orcid.org/0000-0003-2554-1615>

VÂNIA ZIKÁN CARDOSO

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil,
88040-970 – ant@contato.ufsc.br

RESUMO

Trilhando pelos caminhos da produtiva incerteza da performance como prática e conceito, aqui me volto ao que se des-faz em palavras, pondo de ponta-cabeça a clássica definição de Austin da força do ato performativo. O encontro nas macumbas cariocas entre entidades e clientes é marcado pela instabilidade da linguagem e pelo risco das palavras na própria busca do desvelar dos caminhos futuros na consulta com essas entidades. O encontro recente com uma entidade em que ela diz desdizer o que havia revelado à cliente me leva a refletir sobre essas consultas como um colocar em prática a potência do incerto. O ato (anti)performativo de des-dizer pode ser lido como um pôr de novo em jogo o desconhecido, deslocando cliente e entidade do aprisionamento da certeza e colocando-as de volta no movimento de fabulação que está no cerne da consulta com as entidades.

PALAVRAS-CHAVE

Macumba; Performance;
Potência do incerto;
Povo da rua; Fabulação.

1. Um primeira versão deste texto foi apresentada na VIII Reunião da Associação Portuguesa de Antropologia, Évora (2022), no painel *Descolonizando modos performáticos: incertezas, certezas e resistências*, organizado por Scott Head e Paulo Raposo, a quem agradeço pela escuta sempre atenta. O trabalho de campo em 2022 recebeu apoio do INCT Brasil Plural (CNPq/CAPES/FAPESC).

ABSTRACT

Following the productive uncertainty of performance as practice and concept, here I turn to what is undone in words, turning upside down John Austin's classic definition of the power of the performative act. The encounter in *macumba* centers in Rio de Janeiro between *entidades* [spiritual entities] and their clients is marked by the instability of language and the danger of words in the very search to unveil future paths in consultation with these *entidades*. The recent meeting with an *entidade* in which she un-says what she had revealed to the client leads me to reflect on these consultations as a mode of putting into practice the power of the uncertain. The (anti)performative act of unsaying can be read as putting the unknown back into play, diverting client and *entidade* from the imprisonment of certainty and into the fabulation that is at the heart of consultations with the *entidades*.

KEYWORDS

Macumba; Performance; Power of the uncertain; *Povo da rua*; Fabulation.

Movendo-se pelas encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil, Luciana Hartmann e Jean Langdon (2020), em recente artigo, aludem a múltiplos conceitos agenciados pelos diversos entrecruzamentos etnográficos no que seria essa antropologia da performance: “reflexividade, ruído, margem, liminaridade, subversão, polifonia, experiência, corporalidade, movimento, transformação, negociação, contextualização, entre outros” (Hartmann e Langdon 2020, 3), aos quais eu acrescentaria sismologia, f(r)icção e descrição tensa (Dawsey 2005; 2013; 2016). Como Hartman e Langdon (2020, 3, ênfase removida²) nos lembram, tais conceitos se tangenciam nas diversas abordagens de corpos, “(humanos e não humanos, de antropólogos e de seus interlocutores), por sua expressividade gráfica, sonora, gestual, visual – em performance”.

Essa efervescência conceitual e empírica, uma das forças motrizes da própria “espiral de torções performáticas” (Conquergood 1989, 87) sobre a antropologia, está no cerne do “não resolvido” a que André-Kees Schouten, Pâmilla Vilas Boas Ribeiro e John Dawsey, na chamada para este dossiê, associavam o próprio conceito de performance. Talvez seja justamente a abertura engendrada por esse não-resolvido aquilo que sustente o que Gonçalves (2009) chama de imprecisão produtiva do conceito de performance, e talvez seja também por esse espaço que possamos perseguir o germinar das angústias – não menos produtivas – conceituais.

Em um caminho um tanto tortuoso, marcado por encontros por vezes fortuitos, por vezes perseguidos, com discussões acerca da performance, e pela possibilidade de retornar, no início de 2022, à convivência com meus amigos na macumba carioca, quero tomar aqui a própria possibilidade

2. O destaque em itálico na palavra “performance” no texto original foi aqui removido porque entendo que é importante a marcação política da linguagem. Sendo conceito corrente na antropologia no Brasil e um campo amplo de pesquisa, o termo “performance” há muito deixou de ser um neologismo ou um estrangeirismo no Brasil.

da performance de colocar em prática a potência do incerto. Começo trazendo, primeiro, três cenas recentes do que eu chamaria de angústias conceituais contemporâneas, desde lugares por vezes convergentes, por vezes bastante distintos, e que depois nos levam ao encontro do povo da rua em sessões de consulta na macumba carioca.

PRIMEIRA CENA

No fim de 2021, as atividades do evento virtual *Sismologia da Performance, Napedra 20 anos*³ incluíam uma roda de conversa com Richard Schechner, mediada por John Dawsey.⁴ Nessa conversa, Paulo Raposo pediu para Schechner comentar sobre a torção que temos acompanhado da relação histórica entre a performance como instrumento das vanguardas políticas para a performance política contemporânea da direita. Um dos exemplos que Paulo Raposo usava para ilustrar sua pergunta era a figura do homem de chifres, Jake Angeli, ou o Xamã QAnon, ativista que se tornou o emblema midiático dos invasores do Congresso dos Estados Unidos da América em março de 2021.⁵ A resposta de Schechner naquele momento foi que a “performance” é uma ferramenta despojada de ideologia e que pode, assim, ser usada de diversas maneiras.

SEGUNDA CENA

Em março de 2022, o congresso virtual *Figurações Interartes: derivas e contágios* buscava “explicitar os atravessamentos que marcam o pensamento e as práticas artísticas contemporâneas”.⁶ Em uma das mesas, *Nós aqui, entre o céu e a terra*, André Lepecki e Eleonora Fabião conversavam em torno da performance homônima dela na Bienal de São Paulo de 2021.⁷ André Lepecki também se dirige à relação entre as condições afetivas, físicas, político-contemporâneas e a performance. Retomando certa ontologia política da performance, aquela da performance como algo efêmero, Lepecki aponta que seria essa própria efemeridade, sua capacidade de desaparecer, que tornaria a performance inadequada ao

3. O evento, comemorando as duas décadas de atuação do Napedra, aconteceu entre 22 de novembro e 10 de dezembro de 2021. Os/as colegas do Grupo de Estudos em Oralidade e Performance (Gesto), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Evelyn Schuler Zea, Luciana Hartmann, Scott Head, Viviane Vedana e eu, participamos no dia 3 de dezembro, na sessão *Entre gestos: ruídos, rumores, rodeios ou o lado revés da performance*. Aproveito a oportunidade para agradecer ao convite para nossa participação e às inúmeras trocas e aprendizados compartilhados com John Dawsey e o Napedra ao longo desses anos. O programa do evento encontra-se disponível em: <<https://bit.ly/3JUWTow>>.

4. Disponível em: <<https://bit.ly/3nlqQXE>>.

5. Disponível em: <<https://bit.ly/431Qamb>>.

6. Proposta do *Congresso Figurações Interartes*, UERJ, 8 a 10 de março 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3G0DnGA>>.

7. Disponível em: <http://34.bienal.org.br/artistas/7344> >.

capital. Contraposta ao momento contemporâneo, de explicitação de um processo de supremacia branca fascista, ou tomando o conceito crítico de Achille Mbembe (2018), de um projeto necropolítico, para Lepecki tal efemeridade ontológica se tornaria insuficiente politicamente. Se, nas artes do século XX, no Brasil e em outros lugares “às margens”, a condição do “precário” tinha de ser vivida em sua potência e não lamentada, na condição de urgência contemporânea, Lepecki aponta a importância de uma “pulsão de proliferação” como o movimento da performance – ele apela, assim, a outra ontologia política da performance correspondente ao momento contemporâneo, uma pulsão de proliferação da vida diante da necrofilia fascista.

TERCEIRA CENA

Em uma terceira conversa, num seminário virtual sobre micro-historicidades e espiritualidades,⁸ falávamos de outro movimento ante as chamadas “incertezas do presente”: em um duplo movimento, por um lado, há o deslocamento provocado pelas aspirações nostálgicas por um passado a-histórico de suposta grandeza, como materializada pela busca da extrema-direita estadunidense por uma retomada de uma “grande América” mítica; por outro lado, há o deslocamento para o futuro por movimentos fundamentalistas que almejam o fim dessa Era e o descortinar de uma Nova Ordem, como o messianismo, que sustentava as aspirações de reeleição de Jair Bolsonaro no Brasil (cf. Reinhardt 2021). Em ambos os lados desse movimento, estariam a atuar forças mágico-religiosas para produzir efeitos divinos, para retomar ou alcançar formas de existência prometidas.

A CAMINHO DAS CONSULTAS

Escrevendo num momento em que o presente parecia marcado pelo tempo invertido de uma contagem regressiva para as eleições presidenciais de 2022 e em que as pesquisas de intenção de voto anunciavam, ainda, outra inversão em direção contrária ao advento desejado por tal messianismo, quero tomar aqui, etnograficamente, outro caminho para onde estão a atuar de forma diversa outras forças “mágico-religiosas”, em que entidades espirituais confabulam⁹ com clientes outras possibilidades de existência através da incerteza, ou, para conjugar aquilo que Lepecki

8. *Spiritual historicities: exploring micro-historical practices and alternative temporal directions in contemporary religiosities*, 4 a 5 de novembro 2021, Proyecto Etnografías de Neoliberalismo y Aspiración, PUC/Chile, organizado por Diana Espírito Santo e Ruy Blanes. Disponível em: <<https://bit.ly/3TR3Lbs>>.

9. Fabulação refere-se não a uma fabricação, mas evoca a prática criativa de narrativizar o mundo (Cardoso 2007; McLean 2017; Stewart 1996).

distingue temporalmente, em que a potência do incerto –outro sentido do precário a que ele se refere – faz proliferar a vida à revelia da necropolítica contemporânea.

Venho escrevendo há algum tempo sobre a macumba nos subúrbios do Rio de Janeiro. Ainda que macumba se insira no universo das práticas religiosas afro-brasileiras, ela abarca mais do que uma prática ou uma identidade religiosa específica. Ela remete a uma socialidade marcada pela presença de entidades espirituais que atravessam as fronteiras entre o ritual e o cotidiano, o sagrado e o mundano, o passado e o presente, o privado e o público. Nesse sentido, venho escrevendo sobre a macumba como um modo de percepção, de imaginação e de engendramento do cotidiano, um estar no mundo imbuído da presença dessas entidades espirituais.

Se os velhos e persistentes enquadres estruturantes do racismo brasileiro colocavam as práticas da macumba para fora do espaço de legitimação do religioso, tomando a macumba como expressão paradigmática do que Luiz Simas (2020) descreve como a atribuição aos povos da diáspora negra de uma incapacidade de produzir cosmogonias que ultrapassem o limite de práticas curativas, no Brasil contemporâneo macumba é simultaneamente reclamada por intelectuais como uma epistemologia negra decolonial (Rufino 2019; Simas e Rufino 2018) e fustigada com renovada veemência racista pelo fundamentalismo político de direita como expressão do culto ao diabo pelas religiosidades afro-brasileiras.¹⁰

Muito do que eu escrevi nesses anos de perambulação pela macumba carioca emerge das estórias e das conversas com as entidades do chamado “povo da rua” – exus, pombagiras e malandros –, entidades que em vida ocupavam espaços nas margens sociais e que na vida pós-morte dançam, cantam, bebem e fumam com os vivos, intervindo nos seus caminhos de modos por vezes desejados, por vezes temidos. Em minhas escritas etnográficas, venho falando sobre as muitas estórias que são contadas acerca dessas entidades, estórias sobre sua presença no dia a dia dos macumbeiros, estórias envoltas pela tensão do potencialmente imprevisível. As estórias evocam a qualidade de seus movimentos, seu poder de se deslocar entre espaços e tempos, assim como a eficácia dos poderes das entidades.

10. Essa simultaneidade é cotidiana, mas eclode de forma extraordinariamente grotesca em certos momentos, como na proximidade da espetacular vitória da Acadêmicos da Grande Rio no carnaval de 2022 com o enredo “Fala Majeté! Sete Chaves de Exu”, com a mundanidade da violência que leva uma mulher a perder um olho ao ser agredida por ouvir o samba da Grande Rio em homenagem a Exu. Disponível em: <<http://glo.bo/42NjTIX>>.

Uma atividade central nas práticas de macumba são as consultas, em que clientes buscam a intervenção das entidades do povo da rua em suas vidas. O desemprego que persiste, a precária sobrevivência na pandemia de Covid-19, a vida familiar transformada pelo consumo descontrolado de álcool ou de drogas, a ameaça da violência cotidiana nos espaços urbanos do Rio de Janeiro, a infelicidade, estas são todas esferas da vida mundana em que se percebe claramente a ação conjunta de forças desse mundo e de outras forças não tão humanas e não tão evidentes em sua origem. Venho acompanhando essas sessões em uma casa religiosa, um centro, em um bairro suburbano da cidade do Rio de Janeiro, com Cacurucaia, uma pombagira cuja fama lhe traz um grande número de clientes, alguns recentes, outras de longa data, algumas pontuais e outros que retornam um tanto de vezes.

Incorporada em minha amiga Luciana, a médium que trabalha com ela há várias décadas, Cacurucaia trabalha bebendo cachaça e fumando sua cigarrilha. Sentada à frente de seu jogo de búzios, ela recebe seus clientes na companhia de uma cambona, uma pessoa que auxilia nos procedimentos, seja anotando listas de coisas a serem feitas, seja mantendo sua cigarrilha acesa, seja participando da troca de palavras e olhares que envolvem clientes e pombagira, adentrando, assim, o jogo de afetos que é fundamental para o desenrolar da consulta e do trabalho da entidade.

Este ano, quando pude retornar ao Rio de Janeiro, Cacurucaia voltou a oferecer as consultas que haviam sido suspensas no auge da pandemia de Covid-19. Em contraste com algumas das igrejas evangélicas – que defendiam a inclusão de cultos religiosos nas exceções ao *lockdown*, retroalimentando o já intenso combate do então presidente Jair Bolsonaro às políticas públicas de saúde em prol do isolamento social –, várias figuras públicas das casas de matriz africana recorriam, nas redes sociais, a outra ontologia do sagrado para defender o resguardo dos corpos como lugar de ação das entidades. O centro onde Cacurucaia trabalha cerrou suas portas em resguardo, mantendo os ritos de forma restrita e privada, em busca de renovadas proteções para os filhos de santo que, em sua maioria, enfrentavam a vida precária do trabalho em tempo da devastação pela pandemia.

Cacurucaia finalmente retomou suas consultas em janeiro de 2022, com uma longa lista de espera ansiosamente no seu aguardo. Ela me convidou para ser sua cambona, algo que eu já havia feito antes apenas uma vez, há alguns anos. O agir-no-mundo envolvido no *trabalho* das consultas, a participação no ato divinatório das consultas, insere as clientes na manipulação das forças dessa pombagira e de outras entidades, de modo a alcançar os efeitos desejados. Há muitos anos eu já vinha participando da consulta de outras formas, junto com os outros filhos de santo, entidades

e clientes, seja nas *correntes* e nos cantos que se desenrolam junto com o soar dos atabaques, ou nas conversas na espera pela consulta, e aqui estava Cacurucaia a envolver a antropóloga em mais esse momento da consulta.

Sobre as muitas vezes em que participei das consultas com as entidades, escrevi que minha etnografia era *carregada* por aquela experiência, que aquilo que eu escrevia sobre o ritual de consultas era contaminado pela instabilidade e indeterminação materializada na performance do povo da rua, e não pelo desejo de revelação de um conhecimento (Cardoso 2012). Sobre aquela primeira vez em que fui sua cambona, escrevi também sobre o perigo das palavras, sobre o risco da des-compreensão envolvido na participação na sessão de consultas (Cardoso 2017).

Quando escrevi sobre aquela minha primeira experiência como cambona, foquei com mais detalhes uma consulta em particular, a qual envolvia o encontro entre uma nova cliente, Cacurucaia e eu enquanto cambona (Cardoso 2017). Naquela consulta, entre alusões veladas, frases não concluídas, palavras trocadas entre a cliente e a pombagira, eu conseguia entrever o que parecia ser o problema que afetava a mulher e que a levava a buscar a ajuda de Cacurucaia, mas nada era dito que garantisse a frágil narrativa que eu montava de forma tateante. De fato, em dado momento da consulta a própria cliente se exasperava com esse modo de conversa e suplicava à pombagira que falasse direito com ela, que a ajudasse. A pombagira rebateu essa súplica naquele momento, dizendo que ela estava tentando ajudar, mas que a mulher tudo fazia de errado. A mulher fez como se não tivesse ouvido a pombagira, persistiu e me pediu que eu interviesse em seu favor. Para minha surpresa, Cacurucaia também se volta para mim e me pede para eu explicar para a cliente. Eu tento replicar a forma do rodeio de palavras no que digo em resposta, tateando por sentidos que escorregam entre as palavras. A frustração da mulher não diminui, até que finalmente Cacurucaia desiste desse embate de palavras, segura a mão da cliente com carinho e, olhando em seus olhos, lhe pede para confiar nela, que ela vai cuidar de seus problemas. Aparentemente aliviada, a mulher parte. Cacurucaia, por outro lado, se vira para mim, reclamando após a saída da cliente – “Olha essa daí, vem aqui me pedir a coisa errada. Eu faço o que ela me pede, depois dá merda, e a culpa é da pombagira!”. Naquela consulta, Cacurucaia não revela à mulher seus erros, ainda que lhe prometa conceder seus cuidados. Entre o que a mulher veio verdadeiramente pedir e o que Cacurucaia verdadeiramente fará abre-se a zona de incerteza quanto aos verdadeiros efeitos da intervenção das entidades na vida cotidiana.

Nas consultas mais recentes, ao longo de 2022, compartilhei, por vezes, meu lugar de cambona com um ou outro filho de santo, cada um de nós

com um modo de participação singular no desenrolar da consulta. Dentre eles, sou eu a única a não incorporar entidades, mas nem por isso Cacurucaia considera menor a minha participação nas forças ali presentes, ela me diz que minha presença afeta de forma particular sua *visão* no jogo e marca mesmo os jogos de palavras em casa sessão.

Essas formas distintas de participação eram perceptíveis na interação com a pombagira. Ela dizia que seu jogo não era ficar somando números – sua forma de referência irônica ao combinatório de disposições dos 16 búzios nos jogos divinatórios do Ifá. Seu jogo era, segundo ela, um buscar das histórias das pessoas no movimento do jogar as peças em sua mesa. Um dos filhos de santo com quem eu cambonava podia ver com ela o que o jogo de búzios lhe abria. Cacurucaia repetidas vezes segurava minha mão enquanto jogava, trocando olhares comigo e me oferecendo no gesto tátil o contágio da *visão*. Eu continuo a não poder ver pelos movimentos dos búzios, então, seguia atentamente a tessitura das palavras, adentrando a confabulação das histórias nos gestos narrativos da pombagira e clientes, perseguindo outros cruzamentos do sensível em seus toques e no cruzar de nossos olhos.

Minha participação foi se tornando, assim, cada vez maior nessa intensa troca de palavras, de perguntas, de silêncios, de toques e de olhares. Em uma das consultas, a conversa com a cliente me remeteu àquela primeira consulta da qual participei havia alguns anos. Não pelo que essa mulher pedia, mas pelo intenso aparente desencontro entre o que dizia a pombagira e o que dizia a cliente. Depois de ouvir essa obscura troca por um tempo, depois de muitos olhares de Cacurucaia que me pareciam trair sua incredulidade quanto à ignorância da mulher diante do que ela lhe dizia, finalmente traduzi para a cliente o que Cacurucaia estava a dizer. Violando a forma poética do modo como a pombagira se expressa, usei uma linguagem de sentidos explícitos, introduzindo uma outra força de linguagem que quebrava o movimento dos sentidos incertos. A mulher agora parecia aturdida não pela incerteza, mas pela aparente verdade que se materializava pelas palavras agora professadas por minha inepta impaciência. Cacurucaia se assusta com a reação da mulher e rapidamente inverte meu movimento de desambiguação de sua fala, dizendo à mulher que esqueça o dito. “Eu desdigo”, ela afirma. Mais do que me desmentir ou do que contrapor outra verdade à minha, Cacurucaia agora movimentava suas mãos como se literalmente recolhesse um fio, e nos chama para voltarmos aos entremeios do desenrolar da estória. Reinserindo o desconhecido, ela retoma a fabulação com a cliente nos entremeios do incerto, libertando sua fala do aprisionamento da certeza que minha violação de sua performance havia produzido.

Depois que a cliente vai embora, Cacurucaia se diverte com sua própria ação de desdizer, satisfeita pela eficácia de sua performance em desfazer os efeitos perigosos de um dar-a-ver explícito daquilo que potencialmente se revelava no jogo de búzios e no jogo de palavras. Pode parecer paradoxal que, ao buscar desvendar os caminhos futuros em uma consulta à pombagira, seja justamente o incerto que se abre por meio da instabilidade do jogo de linguagem, gestos, afetos e efeitos. Penso, aqui, no desdobrar desse incerto em relação à potencia da “proliferação” que Lepecki busca na performance contemporânea.

Em um texto um pouco mais antigo, no qual se pergunta sobre como fazer, assistir e escrever sobre dança na era da racionalidade e performance neoliberal, Lepecki (2016, 14) nos lembrava que, se estamos todos, sempre, em todos os lugares e tempos, sendo condicionados, a racionalidade – ou irracionalidade – que guia a época neoliberal, sua (i)lógica, é governar-nos a conduta como se estivesse a nos conceder a liberdade. Ao permear nossa conduta, o condicionamento neoliberal aponta para como já capturou nossa subjetividade, somos corpos fibrilando com e contra os ritmos da época (Lepecki 2016, 12). Mas, assim como Stefano Harney e Fred Moten (2013), Lepecki (2016, 12) nos aponta que “entre a sístole e diástole, nas arritmias”, descobrimos a permeabilidade desse permear, por um momento emerge a vida des-condicionada de tudo que transforma a vida em uma coreografia de conformidade, emerge um momento de singularidade. Singularidade emerge no texto de Lepecki em uma complexa dança conceitual com Didi-Huberman, Deleuze e Simondon, o que lhe dá, como ele mesmo estressa, um sentido conceitual muito preciso em seu livro.¹¹ Para mim, em meu próprio movimento de escrita através das histórias de encontros com a pombagira e da participação em seu *trabalho*, no entanto, o que me interessa é tanto a irreduzibilidade da singularidade ao único quanto sua potência de estranheza, sua produção do não-antecipado e da multiplicação do possível.

É claro que, se Lepecki se dirige à relação entre arte e vida, nessa relação minha etnografia está mais pendente para a vida do que para a arte. Mas, se estou tratando de práticas que certamente não estão contidas na esfera da arte – seja lá como esta seja concebida –, eu diria que, ao escrever sobre as sessões de consultas, o que emerge em minha confabulação etnográfica pode ser pensado como a arte da performance da própria vida vivida no entre-ritmos. Se, por um lado, são vidas vividas sob

11. Segundo Lepecki, “[a]través desse livro a palavra ‘singularidade’ é usada de um modo muito preciso. Não é sinônimo de ‘único’, de ‘particular’, de ‘singular’, e menos ainda de ‘individual’. Antes, singularidade é <irreduzível, e portanto, portadora de estranheza> como o filósofo de arte Georges Didi-Huberman propõe (2009:81 [...]). Sendo essencialmente coextensivas à estranheza, singularidades são sempre produtoras de <multiplicidade> (82), <bifurcações> (81), e desvios inesperados que implicam todas as dimensões do real” (Lepecki 2016,15).

a lógica necropolítica do neoliberalismo que se desdobram na consulta, por outro lado, no encontro com a pombagira, essas vidas pulsam com outras forças, deslocam-se da lógica do mundo ordinário. Nesse sentido, o encontro com o incerto na performance de gestos e palavras da pombagira deixa de ser um paradoxo, mas a própria condição de possibilidade de busca pelo futuro.

Simas e Rufino (2018, 7) sugerem que a macumba seria “a terra dos poetas do feitiço; os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência”. Nessa “terra de poetas”, é em sua arte fabulatória que a pombagira excede o (não)dito e o próprio cronotopo do dizer, arrastando-nos consigo no remoinho do mundo em performance (uma figuração imagética de John Dawsey) e que nos permite entrever esse movimento em direção a outras formas urgentes de existência.

Se a força performativa faz o mundo, podemos pensar, aqui, na força da (anti)performance, momentaneamente nomeada pelo des-dizer da pombagira, como uma força que desfaz o encarceramento ou o falso encantamento pela certeza, colocando de volta no jogo a potência do ainda desconhecido, proliferando, assim, o que pode vir-a-ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cardoso, Vânia Zikán. 2007. Narrar o mundo: estórias do povo da rua e a narração do imprevisível. *Mana*, vol. 13, no. 2: 317-345. Disponível em: <<https://bit.ly/3JVhf1y>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Cardoso, Vânia Zikán. 2012. Marias: a individuação biográfica e o poder das estórias. In *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*, ed. Marco Antonio Gonçalves, Roberto Marques e Vânia Zikán Cardoso, 43-62. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Cardoso, Vânia Zikán. 2017. Danger of words: risk and (mis)comprehension in consultations with the spirits of the povo da rua. *Vibrant*, vol. 14, no. 1: 45-60. Disponível em: <<https://bit.ly/40kigai>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Conquergood, Dwight. 1989. Review essay: poetics, play, process, and power: the performative turn in anthropology. *Text and Performance Quarterly*, vol. 9, no. 1: 82-95. Disponível em: <<https://bit.ly/3JSvuUS>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Dawsey, John Cowart. 2013. Descrição *tensa* (tension-thick description): Geertz, Benjamin e performance. *Revista de Antropologia*, vol. 56, no 2: 291-320. Disponível em: <<https://bit.ly/40Hvgqf>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Dawsey, John Cowart. 2005. O teatro dos “bóias-frias”: repensando a antropologia da performance. *Horizontes Antropológicos*, ano 11, no. 24: 15-34. Disponível em: <<https://bit.ly/3FXoTag>>. Acesso em: 27 set. 2022.

- Dawsey, John Cowart. 2016. Sismologia da performance: palcos, tempos, f(r)icções. *Culturas-Kairós*, vol. 7. Disponível em: <<https://bit.ly/3Kq3MQV>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Didi-Huberman, Georges. 2009. *Survivance des lucioles*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Gonçalves, Renata de Sá. 2009. Resenha: festas e rituais religiosos. *Religião & Sociedade*, vol. 9, no. 1: 251-265. Disponível em: <<https://bit.ly/3LYNM9q>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Harney, Stefano e Fred Moten. 2013. *The Undercommons: fugitive planning and black study*. Wivenhoe, New York, Port Watson: Minor Compositions.
- Hartmann, Luciana e Jean Langdon. 2020. Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil. *BIB*, no. 91: 1-31. Disponível em: <<https://bit.ly/4Oqbolo>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Lepecki, André. 2016. *Singularities: dance in the age of performance*. New York: Routledge.
- McLean, Stuart, 2017. *Fictionalizing anthropology: encounter and fabulations at the edges of the human*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Mbembe, Achille. 2018. *Necropolítica*. São Paulo: N-1.
- Nós aqui, entre o céu e a terra*: Eleonora Fabião e André Lepecki, Mediação Katia Maciel. Disponível em: <<https://youtu.be/6nxG09AxL34>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Reinhardt, Bruno. 2021. "When are we?" Crisis, time, and history in Brazilian aspirational fascism?. In *Spiritual historicities: exploring micro-historical practices and alternative temporal directions in contemporary religiosities*, Santiago, 4 a 5 nov. 2021.
- Roda de Conversa com Richard Schechner*. 20 anos do Núcleo de Antropologia Performance e Drama da USP. Mediação John Dawsey. Disponível em: <<https://youtu.be/BtZ-g3zVZoyk>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Rufino, Luiz. 2019. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula.
- Simas, Luiz Antonio. 2020. Macumba. *Serrote*, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3Jvkdth>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Simas, Luiz Antônio e Luiz Rufino. 2018. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula.
- Stewart, Kathleen. 1996. *A space on the side of the road: cultural poetics in an "other" America*. Princeton: Princeton University Press.



Vânia Zikán Cardoso é professora de antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenadora do Grupo de Estudo em Oralidade e Performance (GESTO), membro do Comitê Gestor e pesquisadora do INCT Brasil Plural (CNPq/Capes/Fapesc). E-mail: vania.cardoso@ufsc.br, vaniazcardoso@gmail.com

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 29/09/2022

Aprovado em: 23/02/2023